

A GEOGRAFIA COMO CIÊNCIA DOS RELEVOS E DA JUSTIÇA SOCIAL - A PAZ ESTEJA CONVOSCO! ¹

JOSÉ FALCÃO SOBRINHO²

Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Geografia/PROPGEO da Universidade Estadual Vale do Acaraú/UVA

Email: falcao.sobral@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6335-6088>

Recebido: 09/25 Avaliado: 10/25 Publicado: 11/25

RESUMO: O artigo tem como objeto o início do Doutorado em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), contextualizado como marco de afirmação científica e territorial. A mensagem utiliza o relevo como metáfora e fundamento epistemológico, relacionando suas formas: serras, chapadas, planícies e vales às trajetórias acadêmicas e humanas. O texto destaca o relevo como expressão das forças naturais e sociais que moldam o território e simbolizam a caminhada do conhecimento. A Geografia é reafirmada como ciência dos relevos físicos e simbólicos, comprometida com a paz e a justiça social.

Palavras-chave: Relevo; Geografia; Justiça Social; Território; Doutorado.

GEOGRAPHY AS A SCIENCE OF RELIEF AND SOCIAL JUSTICE - PEACE BE WITH YOU!

ABSTRACT:

The article focuses on the beginning of the PhD Program in Geography at the State University Vale do Acaraú (UVA), contextualized as a milestone of scientific and territorial affirmation. The text employs relief as both a metaphor and an epistemological foundation, relating its forms: mountains, plateaus, plains, and valleys to academic and human trajectories. It highlights relief as an expression of the natural and social forces that shape the territory and symbolize the journey of knowledge. Geography is reaffirmed as a science of both physical and symbolic reliefs, committed to peace and social justice.

Keywords: Relief; Geography; Social Justice; Territory; Doctorate.

LA GEOGRAFÍA COMO CIENCIA DE ALIVIO Y JUSTICIA SOCIAL - ¡LA PAZ SEA CON USTEDES!

RESUMEN:

El artículo tiene como objeto el inicio del Doctorado en Geografía de la Universidad Estadual Vale do Acaraú (UVA), contextualizado como un hito de afirmación científica y territorial. El texto utiliza el relieve como metáfora y fundamento epistemológico, relacionando sus formas: sierras, mesetas, llanuras y valles con las trayectorias académicas y humanas. Destaca el relieve como expresión de las fuerzas naturales y sociales que modelan el territorio y simbolizan el camino del conocimiento. La Geografía se reafirma como una ciencia de los relieves físicos y simbólicos, comprometida con la paz y la justicia social.

Palabras clave: Relieve; Geografía; Justicia Social; Território; Doctorado.

¹ Abertura do primeiro Doutorado Acadêmico da Universidade Estadual Vale do Acaraú/UVA – Doutorado em Geografia, 15/09/25.

² Atualmente, o professor José Falcão Sobrinho é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), localizada em Sobral, no estado do Ceará. Hoje, inicia-se uma nova etapa, marcada pela implantação do Doutorado, que representa o terceiro doutorado acadêmico em Geografia do estado, os outros estão na UECE e na UFC.

O professor foi responsável pela criação da primeira proposta de Mestrado em Geografia da UVA, em 2009, quando exercia a Direção do Centro de Ciências Humanas (CCH), juntamente com o professor Dr. Johnson Fernandes. A proposta foi levada ao Colegiado de Geografia e, após um intenso trabalho coletivo, foi apresentada à CAPES, sendo aprovada em 2012. O início do Mestrado ocorreu em 2013 e, após 12 anos festamos hoje o doutorado.

DISCURSO DE ABERTURA

Doutorandos e doutorandas do PROPGEU/UVA,

É com grande alegria e também com profundo senso de responsabilidade que lhes dou as boas-vindas a esta nova etapa de suas vidas acadêmicas e, acima de tudo, de grande importância no plano pessoal.

Ingressar em um doutorado em Geografia é mais do que avançar na carreira científica. É, sobretudo, como atravessar um território composto por uma impressionante variedade de formas de relevo: serras de desafios, planícies de reflexão serena, chapadas de amplas possibilidades, vales de partilha, escarpas teóricas que exigem fôlego e coragem, depressões onde habitam dúvidas profundas, e planaltos onde se descortinam novas visões. Cada uma dessas formas ensina algo sobre o ritmo, o esforço e o sentido da caminhada acadêmica. A ciência geográfica nos ensina que o relevo não é estático, ele se forma, se transforma e se reinterpreta continuamente, tal como o pensamento e o pesquisador e a pesquisadora em formação.

Assumir o doutorado é comprometer-se com o pensamento crítico³ e propositivo, com a sociedade, com a natureza e, acima de tudo, com o território, esse palco dinâmico de interações entre formas, processos e sujeitos. A travessia por esse "relevo do saber" não se faz sozinho: exige diálogo com o outro, sensibilidade para os detalhes da paisagem e disposição para seguir, mesmo diante dos obstáculos impostos pelas vertentes íngremes do conhecimento.

Quando digo: *A paz esteja convosco*, começo com essa saudação não apenas como um gesto de respeito, gentileza ou enaltecendo o discurso inaugural do pontificado de Leão XIV⁴. Começo assim porque, nos tempos em que vivemos, falar de paz é, também, um ato científico. Em meio a polarizações, desigualdades, ameaças à democracia e crises ambientais, a paz não é algo que simplesmente se deseja, é algo que se constrói, assim como se forma lentamente uma planície fluvial ou se ergue, ao longo do tempo, uma cadeia de montanhas tectônicas.

A paz é mais do que ausência de guerra, necessita de justiça, equidade e diálogo. Dialogar com os problemas concretos da população reforça a necessidade de uma ciência situada, que reconheça as formas variadas do relevo social, e que esteja engajada com as

³ O autor oportuniza refletir sobre o processo de formação da pós-graduação no contexto da Educação. Ver Duarte (2006)

⁴ Vatican News. <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2025-05/papa-leao-xiv-primeiras-palavras-basilica-sao-pedro-paz.html>. Acessado em agosto de 2025.

transformações sociais, territoriais e ambientais. Como um interflúvio entre bacias culturais, a paz nasce da convivência entre diferenças, da escuta, da presença nos relevos acidentados das injustiças.

E é exatamente aí que entra a ciência. Não qualquer ciência, mas uma ciência viva, comprometida, territorializada, sensível aos conflitos ambientais, à desnaturalização da natureza⁵, e disposta a atuar em nome da dignidade humana. Uma ciência que percorra as curvas de nível da realidade social, que conheça os talwegues da exclusão, mas que também reconheça os relevos de resistência que se erguem nos territórios. Daí se insere a ciência Geográfica.

O que celebramos aqui hoje, seja o ingresso de uma nova turma de doutorado, o início de mais um período letivo ou uma conquista institucional, é também a reafirmação de um projeto coletivo de ciência a serviço da sociedade. Dito isto, temos uma história de 30 anos de nossa Geografia nesta instituição (Universidade Estadual Vale do Acaraú/UVA), cujas contribuições se espalham como um conjunto de colinas produtivas: com raízes locais profundas, mas com ramificações nacionais e, mais recentemente, internacionais.

Vivemos e trabalhamos em uma universidade pública do interior do Ceará, em um território marcado por lutas, desníveis sociais abruptos, formas de relevo humano muitas vezes ignoradas, resistências e desafios históricos. Uma natureza intensamente modificada, onde as veredas ecológicas muitas vezes foram retificadas, e os biomas empobrecidos por práticas desiguais de uso da terra. Não estamos em centros privilegiados de pesquisa, não há aqui cordilheiras de financiamento ou vastos planaltos institucionais. Mas há morros de resistência, terraços culturais de saber acumulado e ravinas cavadas pela persistência.

Aqui pulsa uma das formas mais genuínas de produção de conhecimento: aquela que nasce da escuta do chão, dos interflúvios do saber popular, das vozes silenciadas, das contradições espaciais, dos saberes das comunidades e da busca por justiça social e ambiental. Esta é a Geografia que se faz e se pratica na Universidade Estadual Vale do Acaraú/UVA.

Prezados e prezadas doutorandos, a Geografia, neste contexto, é mais do que ciência. Ela é linguagem crítica, ferramenta de revelação e instrumento de transformação. Como dizia Milton Santos (2006), em *O papel ativo da Geografia: um manifesto*⁶, “a Geografia serve, em primeiro lugar, para tornar os homens mais conscientes do seu lugar no mundo.” E se esse mundo também é desigual, injusto e excludente então cabe à Geografia contribuir para desvelar

⁵ Ver Falcão Sobrinho (2025). Geografia e o Estudo da Natureza: bases teóricas e metodológicas. Edições UVA.

⁶ Fala apresentada por Milton Santos na Revista Tamoios. Assinada por outros profissionais.

suas estruturas e abrir caminhos de mudança. Ou melhor: abrir passagens por entre cânions da exclusão, construir escadas por entre escarpas da opressão e trilhas que contornem os desmoronamentos das garantias sociais.

Formar doutores e sobretudo formar doutores em Geografia, é uma missão que ultrapassa os muros da academia. É formar sujeitos capazes de ler as superfícies e os substratos, de agir no território com responsabilidade, ética e coragem. É formar mediadores de conflitos, articuladores de saberes, promotores da paz, especialmente num tempo de desrespeito à natureza e de acelerado desmatamento dos relevos simbólicos e físicos da convivência.

A paz social não se faz com silêncio, mas com escuta. Não se faz com omissão, mas com posicionamento crítico e propositivo. Não se faz com muros, mas com pontes. A paz com a natureza se faz com ação e com razão. Doutorandos e doutorandas em Geografia do PROPGeo, vocês terão a oportunidade de mediar tais conflitos em suas escritas e, quem dera, também na tomada de decisões, trilhando os relevos administrativos do planejamento, das políticas públicas e da educação crítica e construtiva. Montanhas e planaltos do saber!

Importante afirmar que vocês não são apenas sujeitos locais, são sujeitos globais. Portanto, fazer Geografia é pensar e refletir o mundo em sua pluralidade morfológica e cultural, como alertava Sauer em 1925, como também na conjuntura social, bem como nos arranjos do ordenamento territorial de seus componentes naturais e antrópicos.

Dessa forma, emerge situar que vivemos em uma era marcada por profundas transformações geopolíticas, tensões interestatais e conflitos armados cibernéticos que desafiam a estabilidade global, mas também os equilíbrios locais, tudo isso consolida um ciberpoder⁷. Diante desse cenário inquietante, é fundamental reafirmar o papel essencial do geógrafo, não como mero observador, mas como sujeito ativo na análise, interpretação e proposição de caminhos para a paz e a justiça, seja no âmbito social ou ambiental⁸.

Conflitos como o que envolve Irã e Israel, intensificados por disputas geoestratégicas, identitárias e religiosas, revelam como o território é mais do que um espaço físico, seja nas planícies costeiras ou áreas montanhosas: é símbolo, é memória, é poder. Como os platôs da cultura e os desfiladeiros da intolerância, esses conflitos precisam de olhares que superem a

⁷ Ciberpoder, termo utilizado que se consolidou como um novo domínio de poder. Ver Betz e Stevens (2011).

⁸ Sobre justiça ambiental, ugiro ver Castilho (2016), quando aborda problemática relacional para demonstrar que a justiça ambiental é uma conquista social que só pode acontecer quando se tem acesso, primeiramente, ao espaço do cidadão.

superfície e alcancem as camadas tectônicas das disputas históricas. É aí que entra o geógrafo: com sua habilidade de ler o relevo das tensões sociais e o substrato das ideologias territoriais.

No conflito entre Rússia e Ucrânia⁹, cuja origem remonta à dissolução da antiga URSS, vemos a força do conceito de espaço vivido e apropriado. A anexação da Crimeia e a luta pela região de Donbass não são apenas estratégias militares, são narrativas territoriais, com topografias afetivas, identitárias e materiais. A Geografia permite decifrar as múltiplas camadas desse conflito, ajudando a combater leituras planas e reducionistas.

E o que dizer do conflito entre Israel e Hamas, que mais uma vez reacende os horrores da guerra em Gaza? Ali, o território urbano é continuamente fragmentado, militarizado, transformado em uma topografia da violência. Os muros e os assentamentos são relevos duros da dominação. Entender esse conflito exige compreender o espaço como campo de dominação, mas também como paisagem de esperança. O geógrafo pode e deve intervir nesse debate com rigor técnico, sensibilidade ética e compromisso com os direitos humanos.

Por tudo isso, afirmo sem hesitar: a Geografia é uma ciência indispensável para compreender os conflitos do presente e construir um futuro de paz. O geógrafo não é neutro; ele escolhe seu lugar no mundo. E que esse lugar seja ao lado da justiça territorial, social e ambiental, do diálogo entre os povos, da soberania dos que sofrem e resistem. Que sejamos, cada um de nós, como os dobramentos do relevo: reflexos das forças internas do mundo, mas também das ações externas da humanidade. Isto posto, que possamos, juntos, moldar novos contornos para a dignidade.

Tão próximo de nós, vivemos um momento histórico desafiador. Uma verdadeira cordilheira de tensões sociais, onde a polarização política no Brasil tem se aprofundado, rompendo laços sociais, familiares, estes últimos, planaltos de sustentação de uma sociedade equilibrada, enrijecendo posições e tornando o diálogo um bem escasso.

Em meio a esse relevo acidentado de conflitos e silêncios, cresce a intolerância, a desinformação e uma perigosa simplificação da realidade, que transforma cidadãos em inimigos e ideias em dogmas. Até mesmo reafirmo: desagregando as bases familiares, como deslizamentos que fragilizam encostas já vulneráveis.

Essa polarização¹⁰ não é um erro apenas de comunicação. É uma estratégia de poder. E como tal, atua diretamente sobre o território, moldando relações, influenciando decisões

⁹ O presente artigo enfatiza a guerra na Ucrânia e o seu impacto nas sociedades russa e ucraniana, em particular seus efeitos humanitários, econômicos, políticos e identitários. (Ver Ferraro Jr., 2022).

¹⁰ Para um melhor entendimento do termo “Polarização” ver Katz (2022).

públicas e privadas, e provocando exclusões. Hoje, o território é palco de disputas em altitudes variadas, simbólicas e materiais, disputas pela natureza para tratá-la simplesmente como recurso. E os que o dominam não o fazem apenas com armas ou leis, mas com narrativas, com ideologias e com o controle da informação. São camadas sedimentares de poder, depositadas ao longo do tempo, que a Geografia tem a responsabilidade de descompactar.

Prezados doutorandos e doutorandas, é importante lembrar que essa mesma lógica de polarização e dominação se estende também à natureza¹¹. Os territórios naturais: chapadas, vales, serras e mangues têm sido alvo de apropriações predatórias, justificadas por discursos que reduzem a natureza a um recurso, a uma mercadoria a ser explorada. Nesse processo, a natureza deixa de ser compreendida como parte da vida e passa a ser vista como fronteira econômica, a ser conquistada, nivelada, explorada como se se tratasse de uma mera planície produtiva, desprovida de cultura e história.

Essa geopolítica do extrativismo e da destruição ambiental é, em si, profundamente ideológica e polarizadora, colocando de um lado os interesses do capital e, de outro, os direitos dos povos, das comunidades, dos ecossistemas e do planeta. O Geógrafo, portanto, é convocado a escalar essas montanhas de desigualdade, desnaturalizando o domínio, revelando as implicações sociais, éticas e territoriais da crise ecológica que enfrentamos. De certo, devemos ter na natureza uma fonte de sobrevivência da humanidade; contudo, preservar o indivíduo em seus costumes, habitat e relevos da memória coletiva está sempre em primeiro plano.

Vocês, que agora iniciam a caminhada rumo ao mais alto título acadêmico da Geografia, serão chamados a intervir nesse cenário. Como doutores, terão autoridade científica, mas mais do que isso, terão uma missão ética: ajudar a formar sujeitos pensantes, capazes de entender a topografia da complexidade humana e agir com responsabilidade coletiva.

Doutorandos e doutorandas, o papel do geógrafo nunca foi apenas o de descrever paisagens. É o de interrogar o mundo, desvelar as relações de poder inscritas no espaço repletos de curvas de níveis, tornar visíveis os silêncios e denunciar os apagamentos. Em tempos de polarização, isso se torna ainda mais urgente.

A Geografia pode e deve contribuir para a superação da polarização, não assumindo lados partidários marcados por rugosidades originalizadas pelo calor intemperado das disputas pelo poder, mas desestabilizando os extremos com pensamento crítico, com leitura territorial, com compromisso com a verdade e com a justiça social e ambiental. E isso começa aqui: no

¹¹ Recomendo ver Gonçalves (1989), que nos traz a trajetória histórica de apropriação da natureza.

solo que pisam, nos desníveis das ideias que exploram, nas formações teóricas que escalam, na pesquisa que desenvolverão, nas salas de aula e nos laboratórios que irão ocupar, nos espaços públicos que decidirão habitar com sua voz.

Se a polarização aprisiona o eleitor, vocês têm a tarefa de libertar consciências. Se o território é capturado por interesses, vocês devem revelar suas contradições, disputas e resistências. Se o debate público é sufocado, vocês devem ampliá-lo, com ciência, com rigor, com escuta e com sensibilidade.

Portanto, este doutorado é mais que um diploma. É um chamado. É o momento em que cada um de vocês assume, diante da sociedade, o dever de pensar, ensinar e agir com profundidade e coragem em todos os relevos da Nação.

Buscando ainda se aproximar da realidade de vocês, novos doutorandos, estejam cientes: fazer doutorado em Geografia, especialmente no Nordeste e no estado do Ceará, é assumir o desafio de compreender e intervir em uma realidade marcada por desigualdades históricas, tensões territoriais e resiliências que brotam mesmo nas superfícies mais áridas.

O Ceará é um território de contrastes: litoral com suas falésias exuberantes e sertões com seus maciços resistentes; zonas urbanas compactadas, ambientalmente degradadas e comunidades rurais esquecidas; abundância de discursos sobre desenvolvimento e ausência de políticas eficazes que alcancem quem mais precisa.

Aqui, no semiárido, temos diante de nós um território que desafia o senso comum. Como nos alertava Josué de Castro¹², não se trata de uma região naturalmente pobre, mas de um espaço empobrecido. E como nos ensina Aziz Ab'Saber¹³, o semiárido não é um vazio, é um espaço de potencialidades ecológicas e sociais, onde a vida se reinventa com força e criatividade, como as veredas que brotam entre os dobramentos áridos da Caatinga.

A Geografia que se faz aqui precisa ser engajada, do presente e para o presente. Milton Santos¹⁴ nos ensinou que a Geografia não deve apenas descrever o mundo, mas ajudar a mudá-

¹² Castro (1967), rompe com a visão determinista que atribuía ao clima e à seca a responsabilidade pelos problemas sociais da região. Ele mostra que o empobrecimento é produto de relações econômicas desiguais, de políticas públicas centralizadas e de um modelo de desenvolvimento excludente.

¹³ Ab'Saber (1999, O autor enfatiza o potencial natural e social do nordeste brasileiro.

¹⁴ Milton Santos, (1978), propõe uma renovação epistemológica da Geografia, rompendo com o caráter meramente descritivo e positivista que dominava a disciplina até então. Ele defende uma Geografia crítica, comprometida com a compreensão das relações sociais, com a análise das desigualdades e com a transformação da realidade.

lo. E mudar exige compreender os sistemas de fixos e fluxos, as vazantes e as encostas do capital, e as formas como o poder se materializa no espaço.

Manuel Correia de Andrade¹⁵ já destacava que a história do território brasileiro é uma história de exclusões, mas também de resistências. Devemos olhar para o nosso entorno com olhos atentos às lutas dos povos tradicionais: indígenas, quilombolas, camponeses e mulheres sertanejas, camadas vivas e resistentes do relevo humano, que há séculos resistem ao apagamento e à expropriação.

Por isso, mais do que obter um título acadêmico, este doutorado é um chamado à ação crítica e propositiva. Vocês serão doutores em Geografia, o que exige postura ética e compromisso com os territórios e com a justiça social. Um compromisso com a leitura das curvas do espaço, com a valorização dos saberes populares e com a formação de sujeitos autônomos.

Vivemos tempos perigosos. A polarização tem causado rupturas, ampliado os conflitos pelo domínio da política e da natureza. A Geografia tem a tarefa de desnaturalizar esses processo,s entender a erosão simbólica do debate, a compactação dos discursos, a elevação de muros ideológicos e a escassez de pontes entre visões de mundo.

A natureza, nesse contexto, também é afetada: tratada ora como obstáculo ao “desenvolvimento”, ora como recurso inesgotável. Cabe a nós revelar as consequências dessa lógica e defender formas mais justas e democráticas de convivência com os ecossistemas do semiárido, ou seja, o relevo que molda não apenas a paisagem, mas a resistência.

E para finalizar, busco agora aproximar ainda mais o percurso do doutorado de vocês da realidade que observo na UVA, que perfaz 57 anos de história. Nasceu dos esforços de homens e mulheres visionários, mas continua carente de recursos. Seu maior bem, no entanto, são os profissionais que a constroem rochas basilares deste edifício do saber.

A criação de um doutorado na UVA, universidade do interior do Ceará, é mais do que uma conquista acadêmica: é uma afirmação de justiça territorial. Aqui nasce o primeiro curso de doutorado acadêmico genuíno da UVA e isso só foi possível porque vocês ousaram transpor vales de descrença e escalar montanhas de esforço coletivo.

¹⁵ Manoel Correia, em 1995, analisa a formação histórica do território brasileiro sob uma perspectiva crítica, social e política, mostrando que o processo de ocupação e uso do espaço foi marcado por concentração fundiária, desigualdade social e marginalização de grandes grupos populacionais.

Nosso semiárido¹⁶ é território de potência e contradição: de planaltos simbólicos de cultura e baixios de esquecimento institucional. Nesse cenário, a Geografia se impõe como ferramenta de leitura crítica e ação propositiva. Isso já fazemos há 30 anos na Geografia da UVA.

Importante afirmar: vocês estão construindo um novo capital cultural. Entrelançando saberes científicos e saberes das comunidades, vocês estão desfazendo o imaginário de um semiárido¹⁷ frágil e inóspito, substituindo-o por um relevo cultural fértil, resistente, moldado por gerações.

É nesse palco do relevo enquanto chão e expressão simbólica que vocês atuarão: investigando, compreendendo e propondo caminhos para a paz e a equidade. Paz que não é a ausência de conflito, mas a construção de um espaço onde as curvas da diferença sejam respeitadas e as planícies da igualdade, cultivadas.

A Geografia da UVA é uma ciência da paz e da democracia. Ela revela desigualdades territoriais, propõe soluções sustentáveis e atua como ponte entre o conhecimento e a cidadania.

E é nesse palco, de relevo político e humano, que vocês irão atuar, transformando mapas em movimentos, estatísticas em argumentos e territórios em projetos de vida.

Vocês ingressam como estudantes, mas sairão como referências. Este doutorado é uma semente de transformação, e essa semente foi lançada aqui, num solo árido, mas fértil de ideias e coragem.

Sejam bem-vindos à Casa da Geografia.

Sejam bem-vindos ao primeiro doutorado acadêmico da Universidade Estadual Vale do Acaraú/UVA

¹⁶ Ver a mais atualizada informação sobre o semiárido brasileiro em Falcão Sobrinho e Jatobá, 2025.

¹⁷ Em relação as diversas formas de imaginar e tratar o Semiárido, ver Falcão Sobrinho, 2025b.

Apoio ao Doutorado: FUNCAP, CAPES e CNPq.

REFERÊNCIAS

- Ab'SABER, A. N. Dossiê Nordeste Seco. **Estudos Avançados**. USP. 13 (36), 1999.
- ANDRADE, M. C. de. **A questão do território no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BETZ, D.; STEVENS, T. **Cyberspace and the State: Toward a Strategy for Cyber-Power**. Londres: IISS, 2011.
- CASTRO, J. de. **Geografia da fome: o dilema brasileiro – pão ou aço**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- CASTILHO, C. J. M. Justiça ambiental: uma tarefa difícil em contexto territorial de ausência do espaço do cidadão. **Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais**, Recife, v. 05, n. 01, 2016.
- DUART, N. A Pesquisa e a formação de intelectuais críticos na Pós-graduação em Educação. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 89-110, jan/jun. 2006.
- FALCÃO SOBRINHO, J.; OLIVEIRA, L. J. **Os Semiáridos Brasileiros: múltiplas paisagens**. Editora SertãoCult/Edições UVA, 2025.
- FALCÃO SOBRINHO, J. **Geografia e o estudo da Natureza: bases teóricas e metodológicas**. 1. ed. Sobral: Edições UVA, 2025a. v. 1. 110p.
- FALCÃO SOBRINHO, J. O que vem a ser o semiárido?. **International Journal Semi-arid**, 8, vol. 1, p. 133–149, 2025b.
- FERRARO JUNIOR, V. G. A guerra na Ucrânia: Uma análise do conflito e seus impactos nas sociedades russa e ucraniana. **Rev. Conj. Aust.** Porto Alegre, v.13, n.64, p. 25-50, 2022.
- GONÇALVES, C. W. P. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 1989.
- KATZ, H. Repensando a polarização: o corpo e o renascimento da política. **Revista Sala Preta**. Vol. 21, n. 1, 2022
- SANTOS, M. O papel ativo da geografia. Um manifesto. **Revista Tamoios**, EURJ, 2006.
- SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: Hucitec, 1978.
- SAUER, C. O. **A Morfologia da Paisagem**. 1925. In. ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R.L. Paisagem, Tempo e Cultura. Ed. UERJ. Rio de Janeiro 1988. p. 12-74.
- VATICAN NEWS. <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2025-05/papa-leao-xiv-primeiras-palavras-basilica-sao-pedro-paz.html>. Acessado em agosto de 2025.